

Entrevista com Eluza Maria Santos Interview with Eluza Maria Santos

Bruna Teixeira Carneiro¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória/ES, Brasil

E-mail: bruna.es.br@gmail.com

Resumo

Eluza, notável artista, professora e pesquisadora brasileira na área da dança, deu início à sua trajetória neste fascinante universo aos 4 anos de idade. Desde então, sua dedicação às atividades relacionadas à dança na escola a conduziu a realizações significativas. Com mestrado e doutorado concluídos nos Estados Unidos, Eluza estabeleceu uma sólida presença como pesquisadora e artista nesse país. Aos 65 anos, ela é a fundadora e co-diretora do Projeto EluzArtes, em Vitória, onde continua a inspirar e a compartilhar sua paixão pela dança, organizando oficinas, apresentações e cursos de formação. Eluza se destaca como um exemplo notável de vitalidade e comprometimento duradouro com a arte da dança no Estado do Espírito Santo e no Brasil. Esta entrevista foi realizada em Vila Velha, Espírito Santo, no dia 23/11/2022.

Abstract

Eluza, a renowned Brazilian artist, professor, and researcher in the field of dance, began her journey in this captivating domain at the age of four. Her dedication to school-related dance activities led her to significant accomplishments. Holding a master's and a doctorate from the United States, Eluza established a strong presence as a researcher and artist in the country. At 65, she is the founder and co-director of the EluzArtes Project in Vitória, where she continues to inspire and share her passion for dance through workshops, performances, and training courses. Eluza stands out as a remarkable example of vitality and enduring commitment to the art of dance in the state of Espírito Santo and Brazil. This interview was conducted in Vila Velha, Espírito Santo, on November 23, 2022.

Palavras-chave

Dança. Educação. Eluza Maria Santos. Trajetória artística.

Keywords

Dance. Education. Eluza Maria Santos. Artistic journey.

¹ Doutoranda e mestre em Educação Física; graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica. Especialista em Docência do Ensino Básico e Superior. Atua em diversos grupos de pesquisa e projetos sobre memória e história da educação.

Bruna: Hoje é dia 23 de novembro de 2022, quarta-feira, e eu estou aqui com a professora Eluza Maria Santos. Olá professora! Eu quero, primeiramente, agradecê-la por ter aceitado o convite para essa

entrevista.

Eluza: Imagina! Eu que agradeço! É um prazer.

Bruna: Para começar, eu gostaria que você me falasse um pouco sobre como foi a sua infância.

Eluza: Ah! (Risos) A minha infância foi muito legal. Eu sempre fui muito ativa e sempre gostei muito das artes cênicas. Então desde bem novinha, dos seis aninhos, eu ia para... Na época era parque infantil... Não sei se hoje é pré, mas eu ia e lá os professores criavam algumas festividades, algumas coisinhas, comemorações. Lá estava eu. Eu adorava! Depois o tempo foi passando... Eu ainda criança... Mas eu mesma começava na minha vizinhança a criar apresentaçõezinhas, teatrinhos e dancinhas. Aprendi a tocar acordeon... Tocava acordeon para as minhas próprias produções. Eu tocava e a gente cantava e dançava. Eu sempre gostei dessas coisas. Gostava muito de andar de bicicleta... Eu sempre fui muito ativa. Sempre gostei muito do movimento.

Bruna: Então você acredita que a dança já estava na sua vida desde pequena?

Eluza: Já... Um pouco maior que a dança. Eu acho que as artes cênicas, as artes de apresentar. As artes de ir para o palco. O teatro, a música... A dança principalmente. A dança foi aquela em que eu fui treinar, mas eu poderia ter treinado também no teatro, na música. Eu me apaixonei pela dança. Quando eu era ainda bem novinha, no tal do parque infantil tinha uma professora de balé que dava aula. Eu acho que ela tinha uma parceria com a escola, então ela usava a sala... A escola tinha uma sala grande, uma sala para recreação, essas coisas, e ela usava para dar aula de balé. As professoras da minha escola viram que eu gostava muito e a professora de balé ofereceu, acho que duas ou três bolsas, e eu ganhei uma delas. Eu entrei para fazer o Balé Clássico, mas não era uma coisa que o meu corpo pedia mais e mais. O meu corpo precisava de mais soltura. O Balé Clássico tem o seu código bem definido, bem rígido, então eu não me adaptei tanto e deixei. Depois, quando eu tinha onze anos e mudei para outra escola, tinha aula de... Na época era chamada Dança Moderna e hoje é a tal da Dança Contemporânea. Foi ali que eu realmente me encontrei. Dali para frente eu fui. Eu entrei em um treinamento sistemático, estudei bastante, saía pro Rio de Janeiro para fazer cursos, fui ginasta... E essa foi a minha infância, dançando, brincando, organizando e participando de festinhas.

Bruna: E a sua família? Poderia falar um pouco so-

bre ela?

Eluza: A minha família é daqui, quer dizer, minha mãe nasceu em Minas Gerais, mas nós temos uma mistura de mineiro com capixaba. Minha família é daqui. Os meus pais sempre trabalharam e gostavam muito de... O meu pai tocava gaita... Mas eles trabalhavam para o Estado. Eu tinha uma irmã que faleceu em 1999. Eu sou a mais velha e tenho um irmão caçula. Tenho vários sobrinhos e sobrinhas... São sobrinhos netos. Tenho sobrinhos filhos da minha irmã e do meu irmão, mas também tenho sobrinhos netos, que eu amo de paixão. Não tenho filhos, porque meu marido já teve as suas filhas. Quando a gente casou, essa parte da vida dele já tinha sido realizada, mas tudo bem também! Eu me realizo com as outras crianças que eu encontro na minha vida. A minha família é essa. Hoje eu não tenho mais pai e nem mãe, e nem tenho a minha irmã. A minha família é meu irmão, os meus sobrinhos, os meus sobrinhos netos, primos, primas. É uma família grande e legal.

Bruna: Você se lembra, na sua infância ou adolescência, de algum problema que a sua família teve?

Eluza: Olha, eu vou dizer, antes de mais nada, que toda família tem problemas. Eu acho que a minha família sempre teve problemas corriqueiros. Problemas que várias famílias têm. Como eu falei, os meus pais trabalhavam. Eram funcionários públicos. Eles sempre lutaram muito. O que eu me lembro que foi mais puxado foi eles economizarem para ter a nossa casa própria. Eles conseguiram comprar uma casa muito gostosinha. Foi uma dificuldade... O empréstimo, eu me lembro, gerou uma certa tensão. Papai pegou um empréstimo: – Ai! Como é que nós vamos pagar esse empréstimo? Um problema que todo mundo que vai comprar uma casa sofre. Na minha família, eu não me lembro de nenhum problema extraordinário. A não ser a minha irmã, que foi a primeira pessoa que faleceu na minha família. Nenhum pai e mãe quer ver a filha ou filho ir antes deles. Ela faleceu de câncer, então foi um baque. Papai e mamãe sofreram muito. Todo mundo sofreu, mas principalmente os dois. Todo mundo sofreu. Nossa senhora! Mas em questão de problemas... Eram problemas corriqueiros.

Bruna: Agora, eu gostaria que você falasse sobre o surgimento da dança na sua vida. Como foi?

Eluza: Às vezes eu falo assim: – Eu não sei se eu sou dança ou se a dança sou eu. Eu não me lembro de viver sem a dança. Sistemáticamente, eu comecei a estudar quando eu tinha uns onze anos, como eu falei. Mas foi uma coisa muito interessante, porque, como eu falei para você, eu tentei o Balé Clássico. Não era a minha afinidade, mas foi muito bacana, porque na escola onde eu estudava... Você já

ouviu falar do Colégio Maria Ortiz? Foi ali que eu comecei aulas sistemáticas, aulas duas, três vezes por semana. Tinha um grupinho que se apresentava... Eu entrei nesse grupinho. Eu entrei naquela escola. Antigamente ela era a Escola Normal Dom Pedro II. A gente tinha que fazer um exame de admissão para entrar naquela escola. Eu estudei, fiz um cursinho preparatório e entrei. Logo nas primeiras semanas de aula, uma das colegas que estavam lá no cursinho de admissão falou assim: – Eluza, você que gosta tanto de dança... Óh, lá embaixo tem uma sala de dança... Tem uma professora dando umas aulas interessantes... Vai lá ver! Eu desci e fui. Era uma sala de dança tão gostosinha... Piso de madeira, bacana... Cheia de barra... Tinha um piano... Quando eu vi a aula, falei: – É isso!. Aquele momento foi muito revelador, porque a professora era uma pessoa muito chamativa. Ela tinha uma figura muito bacana, exótica, de usar coisas no cabelo, turbante, chapéu... Essas coisas. Ela mesma dava as aulas e tocava o piano. Ela era muito dinâmica e os movimentos eram muito mais livres do que o Balé Clássico. Então, eu vi aquela mulher com uma energia legal... Sorrindo para os alunos. A aula tinha mais liberdade... Ela sentava no piano: – Olha, vai lá agora! E cinco, seis, sete e oito! Ela mesma tocava e falava: – Perna direita! Isso aí! Vira! Eu gostei daquela energia. Dali para frente ficou sendo a dança. Na mesma vez, eu esperei ela terminar a aula e perguntei: – Como é que a gente faz para a gente entrar nessa aula? – É só você vir, fazer uma aula experimental e vamos ver se você vai dar certo... Se você der certo, você vai parar de fazer as suas aulas de Educação Física. A sua Educação Física ficará sendo a dança. Aí eu já entrei no grupo dela. Começamos a apresentar... E fui crescendo, ficando adolescente, um pouquinho mais velha. Me tornei ginasta também, então já saía para competir. Viajei, representei o Espírito Santo com o grupo de ginástica daqui em jogos em Brasília, no Rio de Janeiro... E aí foi. Comecei a fazer cursos fora e fui me apaixonando cada vez mais. Fiz Jazz... Foi uma grande influência na minha formação. Eu ia para o Rio fazer cursos de Jazz, cursos de danças afro-brasileiras... E aí eu fiz Educação Física, por causa da dança. Mas eu sempre fui muito ativa fisicamente... Então tudo bem. A Educação Física valia para mim. A minha professora, aquela com quem eu comecei, o nome dela é Conceição Aparecida Ferreira Vieira.² Ela era

professora de dança da Ufes,³ então ela foi, vamos dizer, a minha inspiração, o meu ídolo. Eu a segui. Então, se ela estava na Ufes, eu iria para a Ufes! Fiz Educação Física por causa da dança. Depois, eu saí e comecei a dar aula. Já estava fazendo Educação Física e dando aula em algumas academias... Dando aula em uma escolinha particular para crianças, aulas de dança. E aí foi. Depois, fui fazer mestrado, voltei do mestrado e dei aula. Primeiro por um ano, em uma universidade em Minas Gerais. Depois, fiz concurso na Ufes. Entrei na Ufes como professora de dança, depois voltei para o exterior para fazer o doutorado. Depois do doutorado, eu resolvi ficar por lá, porque me ofereceram um contrato em uma universidade de dança... Uma coisa que eu não podia dizer não. E aí a minha carreira deslanchou de uma maneira global, vamos dizer assim. Eu viajei muito, percorri muitos países, porque eu tive oportunidades lá. Aqui era muito mais difícil. Fiz carreira solo e fiz carreira com companhias. Nos Estados Unidos, eu criei uma companhia e aqui eu tenho a minha companhia ainda. Então, depois que eu encontrei a Dança Moderna, a Dança Contemporânea, eu fui embora nela.

Bruna: Em relação a essa professora, a Conceição, você se lembra como eram as aulas dela? Tinha um tipo específico de dança?

Eluza: Tinha. Para falar a verdade tinha muito trabalho físico... um trabalho... Até de certa forma que vinha da Educação Física. Mas essa professora, a Conceição, estudou muito também no Rio de Janeiro. Fez Especialização em Dança no Rio com uma professora chamada Helenita Sá Earp.⁴ A Helenita

3 Universidade Federal do Espírito Santo.

4 Maria Helena Pabst de Sá Earp, mais conhecida como Helenita Sá Earp, foi uma professora universitária e diretora artística na área da Dança. Formou-se na Martha Graham School em Nova York e dedicou a sua vida ao ensino e pesquisa em dança, desenvolvendo teorias de princípios e conexões abertas em Dança. Foi convidada em 1940 para assumir a cadeira de Metodologia das Atividades Rítmicas e Expressivas na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Helenita discordava da limitação imposta pela dicotomia Educação Física e Dança na época, bem como da forma como o corpo era percebido, o que a levou a se colocar contra os ideais militares propostos, uma vez que ela compreendia o corpo como uma linguagem e criticava severamente a maneira como a Dança era ensinada e trabalhada, repleta de estereótipos provenientes do balé clássico (AMARAL; MOTTA, 2018). A resposta da entrevistada sugere que o projeto de Helenita Sá Earp teve grande êxito e que havia, naquele período, a possibilidade de um professor da Ufes viajar para o Rio de Janeiro

2 Conceição Aparecida Ferreira Vieira foi professora titular do Departamento de Desportos da Ufes que atuou na década de 80. Atuou como diretora do Centro de Educação Física e Desportos entre os anos de 1988 e 1992.

criou o próprio sistema, era um sistema bem, utilizemos a palavra “Ginástico”, mas era um sistema bem físico. A Conceição também gostava muito da técnica de Martha Graham,⁵ então ela utilizava a base Graham para fazer as suas aulas. Mas ela também dava muita aula de Jazz. Era ótima no Jazz também. Ela era muito eclética. Isso era muito bacana para mim. Eu gostava muito. As aulas dela eram encantadoras.

Bruna: Ainda em relação a essas aulas, você falou uma coisa interessante... Que você fazia Educação Física, mas quando você passou a fazer a dança você pôde deixar a Educação Física e fazer apenas a dança. Como isso funcionava? Tinha homens nas aulas de dança? Eles tinham essa opção também?

Eluza: Não. Na verdade, naquela época, Maria Ortiz só tinha meninas. Então não. Essa não era, vamos dizer, uma questão na época.

Bruna: E como foi essa época na escola Maria Ortiz?

Eluza: Nossa, a minha época na Maria Ortiz foi maravilhosa... Foi mágica! Eu adorava! Ia para lá, porque como a gente já falou, eu não fazia as aulas de Educação Física. Naquele horário... Era, eu acho, duas vezes por semana... Se eu não me engano... Vamos dizer, uma terça e uma quinta de manhã. O primeiro horário era Educação Física. Mas quem era selecionado para fazer a aula de dança ou jogar handebol... Ou ir jogar vôlei... Tinha essas atividades na escola... Então, aos invés de ir para aula de Educação Física a pessoa ia treinar essas coisas. Eu ia para a aula de dança. E como eu fui chamada para entrar no grupo de dança da escola, eu tinha ensaios também de tarde, fora do horário da aula... Eu estudava de manhã. Nossa! Aí você fala “Maria Ortiz, como que era?” Eu amava ir para as aulas... Eu chegava, acho que meia hora antes, de tanta vontade que eu tinha de ensaiar. Foi muito bacana! Fiz apresentações, amizades lindas, maravilhosas... E essa professora, ela era muito cativante. A gente adorava ela. Eu adorava! Foi uma época muito bacana.

Bruna: Acho que você já respondeu, mas se quiser acrescentar algo. Sobre a sua decisão de entrar para

para se especializar na sua técnica, isto é, havia investimento na formação em Dança Moderna.

5 Inspiração de Helenita Sá Earp, dançarina e coreógrafa americana, conhecida mundialmente por revolucionar a história da Dança Moderna. Segundo Garaudy (1980), Graham buscou, ao longo de sua vida, desvendar e apresentar a alma humana por meio da dança, sendo a primeira a constituir, de fato, a primeira técnica sistematizada de Dança Moderna.

o curso de Educação Física...⁶ O que te motivou?

Eluza: Eu acho que é basicamente isso. Foi por causa da dança e por causa dessa professora, porque ela estava lá e eu queria segui-la porque ela só me enriquecia. A dança que ela fazia continuava me enriquecendo. Ela estava sempre estudando também, sempre saindo, fazendo coisas novas, coisas mais desafiantes. Então, eu queria segui-la por causa disso. Mas, ao mesmo tempo, foi por causa da dança... Por causa dela... Mas eu era uma pessoa muito física também. Eu acho que eu não daria certo em nenhuma outra área. Tinha que ser a Educação Física.

Bruna: Sobre o curso de Educação Física... Como foi a sua entrada? Como foi esse período de formação? E como foi estudar e praticar dança, para você, no curso de Educação Física?

Eluza: É muito interessante isso. Nós pulamos uma etapa, porque eu fiz o ginásio... O Maria Ortiz. Depois, teve aquele curso... Que na época era o segundo grau. Era chamado de curso científico no Colégio Estadual. São os três últimos anos antes de chegar na faculdade. Eu estudei no Colégio Estadual, ali na Avenida Vitória. Ali não tinha aulas de dança. Mas, algumas de nós do Maria Ortiz... A gente foi para lá... Criamos o grupinho de dança lá também. Então, ali eu já comecei, mesmo antes de entrar na Educação Física. Eu comecei a criar alguns grupos de dança e depois fui para a Educação Física. A minha entrada na Educação Física foi um desafio. A parte da dança para mim foi um desafio porque eu já entrei com experiência. Eu já estava dançando para nomes fortes da dança aqui, principalmente a Conceição. Então, eu já levei uma bagagem. Na universidade, a Conceição era a professora. Agora, você não vai acreditar nisso... (Risos) Eu entrei na universidade... No meu primeiro ano, ela estava lá... No meu primeiro ano, nós não tínhamos aulas de dança como parte do currículo, mas eu fazia porque eu gostava. Ela estava dando aula. Na época, eu não tinha aula e ia fazer para a aula dela. No meu segundo ano, em que a dança já era parte

6 O curso de emergência em Educação Física do Espírito Santo foi instalado nas dependências do Grupo Escolar Padre Anchieta, onde ocorriam as aulas teóricas, enquanto que as aulas práticas ocorriam no Estádio de Zinco, atual Estádio Governador Bley. Nesse espaço, aconteciam as aulas para a formação de professores especializados, sendo grande parte deles mulheres. Este foi o primeiro curso de Educação Física fundado no Brasil e tinha, inicialmente, a duração de 3 meses. O curso não nasceu com o objetivo de formar especialistas em Educação Física, mas sim de oferecer suporte aos futuros professores e professoras para o trabalho nas escolas (BRUSCHI; ELLER; SCHNEIDER, 2020).

do currículo, a Conceição saiu do Brasil para fazer o mestrado. Então, eu não tive a Conceição na universidade, comigo, como professora de dança. Ela ficou dois anos fora e foram os dois anos em que eu concluí o curso de Educação Física, com outras professoras de dança. Então, ali foi um certo desafio, porque infelizmente o mundo é desse jeito... É assim... Por exemplo, todo mundo via, sabia que eu tinha experiência em dança. Algumas das professoras que substituíram a Conceição tiveram um pouco menos do que eu, então eu sei que talvez elas ficaram meio receosas de me ver nas aulas. Então tinha um certo afastamento... Mas depois não... Devagarinho a gente soltava. Esse foi o desafio. Foi mostrar para elas que eu estava ali como aluna também. Apesar de ter experiência, eu era aluna. A última que tive lá foi diferente. Ela estava de braços abertos... Tipo assim... “Venha, vamos trocar ideias, vamos realmente crescer juntas... Você é aluna... Você já tem alguma experiência, mas aqui você é aluna... Eu sou a professora, mas a gente pode contribuir uma com a outra”. Depois, a Conceição voltou, abriu um outro grupo fora da universidade... E foi isso. Foi um desafio!

Bruna: Em relação à sua experiência com a dança na graduação... Você gostava? Você disse que já entrou com experiência... Você tinha expectativas sobre o que você ia aprender? Qual era a diferença entre o que você sabia e o que era ensinado no curso? Como eram essas aulas?

Eluza: Expectativas... Bom, vou ser muito franca. Não, eu não tinha expectativas. Na verdade, as minhas expectativas eram de que a gente ia fazer lá dentro da Ufes coisas que eram colaborativas, criativas, entre alunos e professores... Trabalhar para todo mundo crescer. Então, de certa forma, isso aconteceu. Como eu falei, foi um desafio no início, mas aconteceu. Nós nos juntamos, eu e as colegas de classe daquela turma do Maria Ortiz. Ficamos muito unidas. Criamos um grupo de dança dentro da própria Ufes e fora da Ufes. Fomos estudar na mesma academia, no mesmo estúdio de dança... Nós ficamos muito amigas. Dançamos juntos por muito, muito tempo. As outras áreas da Educação Física eu adorava também. Ginástica olímpica, recreação... Eu me dei bem. Agora, é muito interessante, porque áreas como Basquete, Voleibol, eram fogo para mim, tá? Mas como eu gostava muito de atividade física, me saía bem também. Só nunca fui aluna de destaque... Não dava para ser. Eu não sou de destaque para isso... Sou pequenininha. Não sou de destaque para Basquete. Não sou de destaque para Voleibol. Mas sou de destaque para a Ginástica. Me dei muito bem na Ginástica. Mas foi bacana. Fiquei muito amiga dos professores e, mais uma vez, das colegas de turma. A gente dançou junto por muito

tempo.

Bruna: Sobre esse curso... Era um curso feminino também?

Eluza: Não, tinha homens... Tinha sim. Inclusive, nós também ficamos muito amigas dos rapazes também. Tem um que, depois de anos e anos, depois que eu voltei dos Estados Unidos e estava morando em um condomínio chamado American Towers... Uma vez, eu lá na área de lazer, esse rapaz passou e falou: – Você não tá lembrando de mim, tá? Eu falei: – Não. E ele disse: – Mas e se eu te falar o nome Carneirinho? Ele era um colega da turma de Educação Física. Só que ele não estava mais com o cabelo de carneirinho... Ele tinha o cabelo assim bem cheio de cachinhos, parecendo um carneirinho, e todo mundo apelidou ele de Carneirinho. Então, de vez em quando eu encontro um aqui, outro lá. Tinha uns rapazes bacanas. Mas na dança não. Na dança não tinha.

Bruna: E não tinha... E você poder dar sua opinião sobre isso... Você acha que não tinha porque eles não se interessavam ou porque não havia essa possibilidade?

Eluza: Menina, você sabe que essa pergunta acabou de vir na minha cabeça aqui? Eu tenho tanto tempo... Olha, eu entrei na Educação Física em 1975. Acho que foi o ano 1975, o ano 1976 e o ano 1977... Eu não me lembro bem. Eu era novinha na época também. Eu não me lembro se aquilo era... Se as aulas de dança... Eu acho que era assim... Você pode investigar... As aulas de dança eram feitas apenas pelo grupo feminino dos alunos. Eu acho que era isso.

Bruna: Em relação às aulas, tinha um estilo de dança específico que era ensinado? Era mais de um estilo? Tinha algum que você gostava mais?

Eluza: Não. Era tudo Dança Contemporânea. Na época, era chamada de Dança Moderna. Inclusive, na época que eu fazia o curso de Educação Física o termo era até “Dança Universal”. Mas era a Dança Moderna... A Dança Contemporânea. De vez em quando, entrava o Jazz, mas era basicamente a Dança Moderna.

Bruna: E as Danças Regionais? Apareciam naquele momento?

Eluza: Não. As Danças Regionais entravam, na minha época, na área da recreação ou folclórica.⁷ Nós

7 Segundo Bruschi (2022), “As festividades cívicas e o canto orfeônico, mas também a Educação Física, faziam parte das estratégias nacionalistas de construir o abasileiramento integral pela educação da juventude [...]”. Nesse caso, entravam também as Danças Regio-

tínhamos uma professora de Folclore... Danças Folclóricas. Ela era maravilhosa. Era ali que a gente fazia o que era relacionado com o povo, com as regiões.⁸ Mas não na aula de dança. A aula de dança era uma aula de dança acadêmica... A dança cênica... A dança que vai para o palco.⁹

Bruna: Nessas aulas de Danças Regionais os meninos participavam?

Eluza: Sim, participavam.¹⁰

Bruna: Tem alguma coisa sobre essas aulas, em específico, que você se lembra?

Eluza: Não sei se você vai gostar da resposta, mas não tem nada que eu lembre. Nada.

Bruna: Você se lembra do nome da professora de Folclore?

Eluza: Sim. A professora de Folclore era a Adelzira.¹¹ A de recreação... Todo mundo amava essa mulher... Era a Antonieta. Nós chamávamos ela de Nieta. Acho que era Antonieta Ramos.¹² Ela era um amor

nais e Folclóricas, por meio do recolhimento de cantigas populares e de danças regionais.

8 Segundo Rosa (2008), os projetos educacionais desse período pautavam-se, principalmente, na ideia de que seria possível remodelar a sociedade por meio da “reforma do homem” e, nessa concepção, a escola ganhou um papel fundamental, passando a ser compreendida como o lugar mais apropriado para essa transformação, agindo na construção de uma nacionalidade. É provável que a dança tenha sido utilizada com os mesmos fins.

9 Ao que parece, a Dança Moderna representava o estilo de dança ideal para o ensino daquele período. A resposta pareceu confirmar a existência de uma divisão da disciplina Dança entre Dança Moderna e Danças Regionais e Folclóricas, de acordo com a proposta de Helenita Sá Earp. Para Helenita, as Danças Regionais e Folclóricas estavam inseridas nas chamadas “Danças Educacionais”, juntamente com a Dança Natural ou Moderna. Eram consideradas Danças Educacionais aquelas que podiam e deviam ser aplicadas no processo de ensino (Autor, 2022)

10 Mesmo a dança sendo normalmente entendida como uma prática natural para as mulheres, os homens também eram incentivados a dançar. Todavia, para o sexo masculino, essa prática tinha características e objetivos completamente distintos. Ver Autor (2022).

11 Adelzira Madeira dos Santos foi professora titular do Departamento de Desportos da Ufes na década de 80.

12 Antonieta Ramos foi professora titular do Departamento de Desportos da Ufes que atuou na década de 70.

de pessoa. Mas eu não lembro de nenhuma dança. Eu gosto de folclore também. Acho lindas as Danças Regionais. Só que eu acho que o meu envolvimento com a dança espetáculo é muito grande. Eu estava em grupos também ensaiando para apresentar. Mas a outra área era ali nas aulas. Você aprendia e depois aquilo passava. Hoje eu não lembro.

Bruna: Sobre a época de sua formação ainda... Nesse caso, não só se referindo à dança... Você lia muito na graduação?

Eluza: Não. Não tinha leitura. Principalmente na Educação Física. Nada. Na minha época, a Educação Física era um curso bem prático, de atividades físicas, da técnica... Era fazendo e aprendendo... Indo fazer. A teoria era para informar a prática. Então, não lemos muito.

Bruna: E você chegou a produzir um trabalho de conclusão de curso?

Eluza: Não. Só nos Estados Unidos. No mestrado e no doutorado.

Bruna: Por mais que você não tenha lido... Na convivência com os professores nas aulas... Por acaso você escutou o nome de algum autor que era considerado importante para a Educação Física ou a dança?

Eluza: Não. Na minha época era só prática mesmo.¹³ E olha que a gente amava! Quando a gente saía dali, tinha muita coisa para passar pros alunos, porque você fazia... Você vivia aquilo completamente, porque no fazer você também se engaja mentalmente. E é claro, como eu falei, a teoria informava a prática, então vinha algumas vezes alguma informação teórica para te dar o suporte, mas você vivenciava aquilo como era mesmo. Por exemplo, nós tínhamos uma professora maravilhosa de natação. Ela já faleceu. Ela criou um grupo de nado sincro-

13 A análise da produção acadêmica/tese das professoras titulares do Centro de Educação Física e Desportos da Ufes, realizada por Lacchine Junior e Almeida (2022), destaca o notável predomínio de disciplinas voltadas para ginástica e dança. Os autores destacam que essas disciplinas eram voltadas para partes técnicas e teóricas com apenas reproduções de movimentos. Apesar da ausência de registros de produções científicas por parte das professoras mais antigas nos dados analisados, os autores ressaltam sua participação ativa no ensino das disciplinas do curso Além disso, destacam o papel dessas professoras na liderança da concepção e implementação de diversos projetos, tanto para o campus quanto para a comunidade local.

nizado para as alunas. Era lindo o grupo! Ela criava competição para a gente aprender como era que a pessoa se sentia quando ia competir na natação. E a competi o variava...  s vezes você ia cronometrar, julgar, observar, mas você ia competir. A gente vivenciava a coisa ali, como ela era mesmo.

Bruna: Certo. E como e por que você decidiu ir para os Estados Unidos?

Eluza: No ano seguinte ao que eu me formei... Não tinha sido exatamente um ano. Eu me formei em dezembro de 1977, em junho, julho ou agosto. No meio do ano de 1978, a Concei o, que tinha ido para os Estados Unidos para fazer mestrado, tinha retornado e trouxe duas professoras de dança que ela teve l  e gostou muito para dar um curso aqui. Eu fiz esse curso. Na época, eu já falava um pouco do inglês. Um bom tanto, para falar a verdade. Então, eu até ajudei na tradu o. Fiquei bem conhecida das duas professoras e uma delas, uma noite a gente saiu para fazer um lanche e uma delas me perguntou: – Você tem vontade de ir para os Estados Unidos para fazer o curso de mestrado? – Tenho sim. – Olha, você se interessa tanto... Estou gostando de ver o seu envolvimento nas aulas... O dia em que você quiser ir você vai me avisar e eu terei o maior prazer em te ajudar. Então a gente manteve contato. Eu falei: – Pode deixar... Eu vou juntar um dinheiro, vou me preparar e a gente vai... Isso foi em 1978. Em 1980 eu estava pronta. Depois de 2 anos eu estava pronta, entrei em contato com ela e ela: – Pode vir. Eu falei: – Olha, eu tenho o suficiente para um semestre. Eu tinha economizado o suficiente para um semestre e dali para frente eu não sabia como fazer. – Você vem e a gente ver o que vai fazer... Se a gente consegue uma bolsa aqui... O que a gente consegue fazer por você. Por que eu fui? Primeiro, eu tive o incentivo. Eu sempre quis cada vez mais me expandir. Não precisa ser necessariamente nos Estados Unidos. Eu poderia ter ido para o Rio de Janeiro, eu poderia ter ido para a Bahia... A Bahia, na época, tinha curso de dança. Mas aconteceu de... A Concei o já tinha ido para os Estados Unidos. Ela voltou tão diferente... Tão mais rica na dança. Ela sempre foi a minha inspira o, então aquilo me inspirou... Aí veio essa oferta e eu fui mesmo. Dali para frente, foi que eu percebi que o que eu sabia era pouco. Eu fui para entrar no mestrado, mas eu tive que fazer o bacharelado lá. Mas foi excelente. Me deu uma base maravilhosa para o mestrado. Quando eu entrei no mestrado, eu não entrei são como aluna, eu entrei como aluna e professora têm. Aluna de mestrado e professora assistente da gradua o.

Bruna: E nesse período que você foi para os Estados Unidos, como foi para você? Você manteve contato com a sua família, amigos, ex-colegas e pro-

fessores da Ufes?

Eluza: Eu tive. Tive contato com essas pessoas sim. Com a família, o tempo todo. Com amigos e amigos, o tempo todo. Colegas de faculdade têm. Mas em 5 anos eu não vim nenhuma vez ao Brasil. Isso foi muito difícil, principalmente para a minha família. Eu estava lá vendo novidades... Então, você sente saudade, sente falta, mas você está vendo novidades... Eles aqui estavam na mesma coisa. Tipo assim... A minha família... O meu quarto lá, mas a minha presença não. Passaram-se 5 anos, quer dizer, as coisas mudam. Minha irmã ia se casar... Ela esperou eu voltar para se casar. Foi difícil, mas eu não vim. Durante os 5 anos eu não pude vir, por causa da minha troca de visto. O meu visto foi trocado lá. Eu saí com um visto de turista, porque não chegou uma documenta o em tempo. Eu saí com visto de turista, mas l  o meu visto foi trocado. A professora que me ajudou me orientou l  dentro da universidade... O departamento de alunos estrangeiros solicitou a minha troca de vista... Mas era um visto... Porque ele foi dado l , ele teve uma condi o. Eu só retornaria ao meu país... Aliás, não era chamado visto. Era uma permissão de permanência para estudar. Eu só sa ria... Isso era o meu passaporte, era igual visto. O visto s    dado por um outro país. Os Estados Unidos não podem dar um visto para um brasileiro. Quer dizer, os Estados Unidos não podem dar um visto para alguém l . Tem que dar aqui. Mas aí foi então uma condi o que eu só poderia retornar para o meu país quando tivesse terminado o curso. Então eu fiquei até terminar tudo, o bacharelado e o mestrado.

Bruna: E quando você estava lá... Você teve notícias sobre como estavam as coisas na Ufes? Você procurava saber ou alguém as vezes acaba comentando?

Eluza: Olha, eu tenho certeza que eu recebi notícias. Mas naquela época não estava mudando muita coisa não. Eram os mesmos professores que eu tinha. Eu recebi a notícia normal, de amigos: – T  trabalhando muito... As aulas de dança são assim... Eu sabia, Tinha sempre colegas em contato.

Bruna: E quando você voltou do mestrado... Como foi?

Eluza: Quando eu voltei, a Ufes ainda era basicamente a mesma coisa. Entrei em contato, fui lá visitar, mas na época não havia vaga para professor nenhum. Não tinha concurso aparecendo, nem nada. Então apareceu uma vaga em Minas Gerais, na universidade de Uberaba, uma universidade particular, e eu fui dar aula l . Então não era por concurso, era por contrato. Eu fui lá... Fui Eluza Maria Santos... Dei umas duas aulas de teste, eu acho... E me contrataram logo. Eu não me adaptei muito em Uberaba.

Era uma cidade assim... Para falar a verdade, até tinha um movimento de dança bonito lá, concentrado em dois locais apenas: na universidade, comigo, e em uma academia. Essa academia era muito boa. A dona dela se tornou muito minha amiga. Eu criei uma companhia de dança lá também, por um ano, mas em Uberaba as possibilidades eram muito limitadas. Eu também sabia que, sendo uma universidade particular, qualquer coisinha eu iria embora. Não tinha a segurança de um concurso de uma universidade pública. Eu fiquei um ano. Na hora de virar um ano eu pensei “Não vou renovar o meu contrato não, vou pedir rescisão de contrato”. Eu pedi e voltei para Vitória. Fiquei trabalhando 1 ano em academias particulares, principalmente com a academia de uma amiga. Aí apareceu um concurso na Ufes, em 1988. Eu fiz o concurso e comecei na Ufes.

Bruna: Como foi trabalhar na Ufes?

Eluza: Nossa! Foi ótimo! Eu dava aulas de dança, adorava os alunos... As alunas, né? Ainda eram só mulheres. Criei uma companhia de dança lá dentro, um grupo chamado Axis.¹⁴ Como se fosse o centro de alguma coisa... A terra tem o axis. Então, eu pensei assim “Vamos transformar isso aqui no centro da dança!” Era o Grupo Axis. A gente botava assim com um tracinho: Áxis - Ufes. A companhia viajou... Participamos em festivais no Rio, Minas Gerais, São Paulo, Joinville... Fizemos uma turnê nos Estados Unidos.

Bruna: O grupo contou com um financiamento da Ufes?

Eluza: Não. Sem financiamento da Ufes. A Ufes ajudou. O que aconteceu com a Ufes foi o seguinte. Por causa de um programa chamado “Companheiros das Américas”, “Partners of the Americas”,¹⁵ um programa que eu nem sei se está funcionando mais. Foi um programa criado entre as Américas, Norte Central e Sul. Em cada América há um Estado que é parceiro de um outro estado em uma outra América. Eles são chamados Estados-Irmãos ou parceiros. Aconteceu que, no Espírito Santo, o Estado-Irmão era, e ainda é, o Estado de West Virginia, nos Estados Unidos, que poderia ser um Estado, um Peru ou um país da América Central, ou do Canadá... que

são as Américas. Mas o Estado companheiro do Espírito Santo é West Virginia. Aconteceu que, na época que eu criei a Companhia, que tinha acabado de estrear na Ufes, um grupo desse programa veio visitar. Eu acho que na época a Conceição já era chefe do departamento. Ela chegou a ser chefe do departamento e diretora da escola. Não me lembro o que ela era, mas a gente convidou um grupo que veio de lá de fora para assistir um ensaio nosso e uma apresentação. Eles ficaram encantados: – Nós queremos que vocês venham ao nosso Estado. A gente se sentiu como irmãos mesmo... É muito bacana o programa. Não tem um dinheiro assim envolvido. Mas o que aconteceu foi que... A Ufes também é irmã de uma universidade... Eles fazem parceira assim... Tem uma certa universidade que é parceira de outra universidade... A Universidade de Marshall era a universidade irmã da Ufes. Então, houve um acordo para a Universidade de Marshall nos receber, nos hospedar, nos alimentar... A gente precisou de dinheiro para as passagens. O que a gente fez? Marcamos a época de ir, nos deram um certo tempo para juntar dinheiro, fizemos rifas, espetáculos pagos... Fizemos uma coisa chamada “Pedágio” que hoje ninguém mais faz porque é perigoso, mas na época era mais comum. Fizemos um banner que explicava em pouquíssimas palavras “Estamos fazendo isso... Assim.. Colaborem”. Então a gente ia para os sinais, segurava o banner e pedia dinheiro e os carros davam (Risos). Fizemos tudo! Então juntamos dinheiro e fomos. A Ufes ajudou em hospedagem e alimentação. Arranjamos alguém para comprar as nossas passagens. Uma pessoa que eu conhecia era agente de viagens ... Então foi bem barato. Aí a gente foi. Como eu conheci muitas outras pessoas lá, eu arranjei para a gente viajar de West Virginia para ir a outros Estados. Em alguns deles nós fomos pagos. Então a gente fez uma turnê.

Bruna: Aproveitando que você falou dessa relação da Ufes com os Estados Unidos, você percebia, naquele período, uma relação dos Estados Unidos com a dança no curso de Educação Física capixaba?

Eluza: Sim. Muito clara. Naquela época tinha muito. Hoje já bem menos, porque existem cursos em vários outros países e inclusive no Brasil. Existe um bom curso na Bahia, em Viçosa e no sul do Brasil. Ainda existem vários cursos bons, mas naquela época não tinha. Antes de eu ir, só tinha uma professora no Brasil que tinha saído para fazer mestrado: a Conceição. Mestrado em dança. Hoje em dia já é bem diferente. Tem gente que sai para outros países também... Para a Inglaterra, Alemanha, etc. Mas assim, a relação que você fala, naquela época era... Tudo vinha de lá. Ou vinha de outros países. Não precisa ser da Europa também. Quando eu fui

14 Projeto/Grupo de Dança Moderna e Contemporânea ministrado pela entrevistada.

15 Organização internacional não governamental e sem fins lucrativos, composta por voluntários engajados. Sua missão é estabelecer parcerias entre estados dos Estados Unidos e países da América do Sul e Central, por meio de projetos colaborativos em áreas diversas, tais como educação, saúde, cultura e agricultura. Mais informações: <https://partners.org.br/>

estudar, percebi que eu sabia pouco. Lá tudo tinha muito mais rigor. Era tudo de um nível diferente. Muito mais puxado. Era outra coisa. Eu aprendi tudo de novo. Meu corpo mudou completamente.

Bruna: Mas você escutava falar sobre essa relação da dança e a Educação Física com os Estados Unidos, por exemplo, a partir da própria Conceição?

Eluza: Sim. Ouvia muito. A Conceição era muito minha amiga. A gente conversava muito. Eu aprendi muito com ela.

Bruna: Em 1992 você decidiu ir novamente para os Estados Unidos para fazer o doutorado. O que te levou a tomar essa decisão?

Eluza: Chega numa época que você percebe que está na hora de renovar. Chegou aquela hora, porque eu estava com a companhia na Ufes... A gente estava viajando e fazendo um monte de coisas bacanas e eu estava pensando assim: “Está na hora de eu continuar crescendo... Eu não quero ficar mais velha e estacionar!”, porque eu estava muito ativa e por cima das coisas atuais. Eu estava gostando daquilo... Estar na atualidade. Eu falei: “Não quero estacionar... Não vou me deixar estacionar... Então antes que isso aconteça eu vou sair para fazer o doutorado!”. Foi por isso que eu fui.

Bruna: Você teve apoio de alguém nesse processo de entrada no doutorado?

Eluza: Olha, eu entrei e me candidatei à bolsa de estudo do governo brasileiro. Como professora universitária eu pude fazer isso. Só que eu não consegui esperar pelo resultado. O sistema federal... Eu percebi que ele estava muito confuso. Estavam lidando com a minha documentação de uma maneira que não estava me satisfazendo. Pedia documento... Pedia de novo... Demoravam... Então eu resolvi ir sem bolsa. Qual apoio que eu tive... Como eu era professora universitária, eu pedi afastamento para doutorado sem bolsa. Então eu mantive o meu salário da Ufes que, comparado ao valor do dólar, era pouco, mas deu para eu me sustentar. Além disso, eu dei aula na universidade americana como aluna de doutorado. Também entrava outro dinheiro. O dinheiro que entrava na universidade e o meu salário do Brasil me permitiu fazer o curso de doutorado. O doutorado lá é muito diferente do doutorado daqui. Se bem que já tem tempo que eu terminei o meu doutorado... Eu defendi a minha tese em 1999. Mas na época, o doutorado era todo presencial e você não entrava sabendo o que ia fazer. Você entrava para estudar. Não tinha que ter um projeto. Isso não mudou ainda não. Eu ainda tinha achado muito diferente, já entrar sabendo o que vai fazer. Eu aprendi muito com o doutorado. Se eu entrasse sabendo o que eu ia fazer eu teria perdido

muita coisa. Eu aprendi muito. Você precisa, assim, saber qual é a área que você está cada vez mais se especializando nela. Por exemplo, eu me lembro que a pergunta da minha orientadora, na época do processo seletivo, foi: — Por que você quer fazer o doutorado? Eu respondi: — Está na hora de eu estudar de novo. — Perfeito! Então, assim, eles não queriam ninguém que vinhesse com ideias prontas. Uma das minhas colegas, por exemplo, tinha interesse no tema “Dança e Fisioterapia”, mas ela não sabia exatamente o que ela queria estudar dentro da Fisioterapia. Então você tinha que cursar todas as disciplinas para aprender. Depois que você chegasse em um certo ponto, você ia fazer os exames qualificativos para ver se você já podia começar a sua pesquisa. Ali você já definia um pouco mais o que você ia fazer. Depois que você cursava todas as disciplinas, você tinha mais 7 anos para concluir a sua pesquisa. O curso em si, as disciplinas, tinha duração máxima de 3 anos. A pesquisa tinha duração máxima de 7 anos. Então eram 10 anos. Eu fiz em 5 anos e meio. Mas já mudou bastante. Hoje em dia o doutorado é parte presencial e parte on-line.

Bruna: E depois do doutorado, como foi?

Eluza: Menina, essa é uma pergunta que... Que me faz... Foi um momento de transformação. Uma pessoa falou para mim... Acho que foi ontem: — Você não tem problema com desapego, tem? Eu falo assim: — Para muitas coisas não. Para outras eu tenho sim. Essas coisas que eu falo são mais internas do que externas. Eu já mudei a minha vida muitas vezes. Eu saí a primeira vez para fazer mestrado, voltei, fui para Minas, voltei para cá... Voltei para lá. Fiz concurso na Ufes, saí da Ufes para fazer doutorado... Ali eu sabia que era uma mudança radical, porque eu já estava concursada na Ufes. Era um emprego para a vida, mas eu percebi que a oferta que estava aparecendo para mim lá... Eu percorri muito os Estados Unidos enquanto eu estava fazendo o doutorado. Eu te falei do meu ídolo, a Conceição... No mestrado eu tive o meu ídolo também, a professora Elizabeth Lizard, que foi a minha orientadora também. No doutorado, a Penelope Hanstein, que foi a minha orientadora. Ela soube pegar o melhor de mim... Me colocou em tudo quanto é canto. Ela me fez trabalhar como assistente dela em várias pesquisas, trabalhos artísticos, pedagógicos... Para dar aula nas turmas dela... Era muito companheira. Eu ia para congressos, festivais... Eu percorri muito os Estados Unidos e fiquei muito conhecida. Ela me fez ficar conhecida. Eu estava terminando o doutorado e ela virou para mim e falou: — Você cresceu tanto aqui... Você tem certeza que você quer retornar para o Brasil? Isso começou a me balançar. Eu percebia o quanto o meu trabalho era aceito para festivais, congressos... Eu ia para tudo quanto é

canto. Então, na época que eu estava terminando, ela virou para mim e disse: — Olha, tem essa vaga aqui. Por que você não manda o seu material? Se inscreve. Eu mandei. Eu não achei que eu fosse ser selecionada para nada. Acabou que eu fui selecionada para uma das mais bem conceituadas universidades dos Estados Unidos em dança, a Universidade da Carolina do Norte, The University of North Carolina. Me ofereceram um contrato imediatamente. Em duas semanas eu fui contratada. Eu entrei imediatamente em contato com a Ufes para fazer os trâmites. Eu pedi uma exoneração... Para saber o que eu tinha que fazer com o salário que eles me pagaram... Como eu teria que fazer a devolução. Isso demorou anos para ser resolvido. Foi uma mudança radical. Eu fui para uma universidade onde eu era, vamos dizer assim, dona de um local, quero dizer, lá tudo era feito com muita propriedade. Nós tínhamos o nosso próprio teatro de dança, quatro estúdios de dança, quatro salas de dança maravilhosas, cada uma com o seu escritório muito bem montado. Então você tinha aquela propriedade. Era muito bom. Você tinha apoio para viajar para qualquer lugar. Se você era convidado para ir a algum lugar, você tinha apoio. Então, eu continuei lá. Eu não podia dizer não. Além disso, naquela época, o curso da Ufes estava mudando muito. Eu nem sei exatamente como ele é hoje. Mas eu sei que a dança não é mais o que ela era na minha época.

Bruna: E o que estava acontecendo na Ufes que fez com que você se sentisse desmotivada a voltar para o Brasil e motivada a ficar nos Estados Unidos?

Eluza: Olha, o que eu percebia por comunicados de amigos ou viagens que eu fazia aqui era que a dança estava se tornando menos, menos e menos. Isso estava começando a acontecer quando eu estava para retornar. A dança estava sendo cortada do currículo cada vez mais. Eu comecei a perceber o seguinte: — Onde que vão me utilizar depois de eu ter feito um doutorado em Dança? O meu doutorado era muito prático. Eu sendo professora da Ufes em tempo integral e dedicação exclusiva, como é que eles iriam preencher essa minha carga horária? Vou dar aula de que? Vou ter que ficar criando projetos para preencher a minha carga horária e ministrar disciplinas que não têm uma relação direta com o que eu faço, com o que eu vim gastar tanta energia e dinheiro para fazer? Eu estava começando a perceber isso quando a minha orientadora falou: — Você vai ficar. Eu sabia que estava deixando a minha vida para trás. Eu não ia ter mais, aqui no Brasil, a oportunidade de entrar em um emprego para a vida. Eu estava começando algo lá que era para eu ficar por muitos anos. Quando eu voltasse ao Brasil já estaria em uma idade que não me interessaria mais fazer concurso. Então, eu tinha que fazer a minha vida

lá. A universidade americana, sabendo que eu era cidadã brasileira, sabia que teria que me apadrinhar para que eu conseguisse a minha cidadania. Eu não poderia trabalhar lá se eu não fosse cidadã americana. Foram eles que me apadrinharam e pediram ao governo federal a cidadania. Eles fizeram toda a papelada. Enquanto essa papelada estava em trâmite eu conheci o homem que é hoje o meu marido. Eu não recebi a cidadania americana por causa do casamento. Foi por causa do emprego. Agora, aqui no Brasil, o meu marido tem a cidadania brasileira por causa do nosso casamento. Então, isso mudou a minha vida. Encontrei o homem com quem eu me casei. Eu comprei uma propriedade lá, fiz a minha carreira... Mudou a minha vida radicalmente. E eu não me arrependo porque eu sei que eu teria ficado muito triste porque quando eu vejo a Ufes... Eu acho que a Ufes, em relação à Educação Física, está apagada. Para mim está. Eu posso estar com a percepção errada. Tem gente que não faz a mínima ideia de todos os pensamentos que passavam pela minha cabeça sobre isso. Eu pensava assim “Eu vou sentar em uma reunião de departamento e vou ficar por fora do assunto. Os assuntos são outros. O nível é diferente”. Eu olhava para as disciplinas e pensava “Vou dar o que? Cadê a minha dança?” Quando eu saí era um ano e meio de dança. Eram três semestres. Quando eu voltei era um.

Bruna: Os seus ex-colegas e amigos de turma também tinham o mesmo sentimento em relação a essas mudanças que estavam ocorrendo no currículo? Você chegou a ouvir algum comentário do tipo?

Eluza: Sim. Eu sei que vários colegas ficaram tristes com o que estava acontecendo. Não dá nem para mencionar uma pessoa. Só que eles estavam prestes a se aposentar. Tinha muita gente triste e decepcionada. Colegas que eu sei que viam divisões entre colegas, brigas entre colegas... Mas eu não tenho detalhes sobre isso. Eu sinceramente acho que todo mundo tem o mesmo sentimento... De como mudou tanto... De que a Educação Física está apagada.

Bruna: E hoje? Como é a sua relação com a dança?

Eluza: Hoje a minha relação com a dança é aquela de fazer o que me dá prazer. Então, por exemplo, na minha Companhia, que é o meu foco, todas nós somos mulheres maduras e firmes na profissão. A nossa dança é uma dança para nós. Eu quero dizer que não nos interessamos pelas partes mais rigorosas e acrobáticas da dança, mas sim pela sua profundidade e pelo significado que tem dançar e permanecer dançando. A gente mistura muito as outras artes: teatro, música etc. A dança, hoje, é o meu prazer. Trabalho com essas mulheres maravilhosas e criativas. O nome do nosso espetáculo é “Corpo Agora - Permita-se”, porque nós somos o agora e

nos permitimos dançar. Tem uma companheira nossa que já tem quase 80 anos... Então, ela está se permitindo ainda dançar.

Bruna: Professora, agradeço novamente pela disponibilidade. Para finalizarmos a entrevista, você gostaria de colocar mais alguma coisa que não foi dita?

Eluza: Eu só quero deixar claro o seguinte. Essa nossa área, a dança, ela é uma área de uma sensibilidade, de relacionamento com as pessoas... É isso que faz ela ser o que ela é. Ela é a vida. O que é a vida? A vida são as sensações, são as coisas do dia a dia, o que a gente sente e o que a gente faz as outras pessoas sentirem, o que a gente vê e o que a gente ouve. A dança é isso. Hoje eu sou muitíssimo grata a todas as pessoas que me inspiraram, alguns homens, mas a maior parte mulheres. Pessoas que sabem pegar o potencial das outras pessoas e valorizar. Eu gostaria de enfatizar as pessoas.

Referências

AMARAL, F.; MOTTA, M. A. Helenita Sá Earp e a construção da dança como saber acadêmico. Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança, 5., *Anais...* Manaus: ANDA, 2018. p. 973-987.

CARNEIRO, Bruna Teixeira. *A dança como projeto educativo nas décadas de 1930 e 1940: circulação, discursos e propostas em torno de um objeto de ensino*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

BRUSCHI, M.; ELLER, M. L.; SCHNEIDER, O. A criação do Método Francês: as disputas em torno de um objeto de ensino da Educação Física. *Educação em Revista*, v. 36, 2020.

BRUSCHI, M. O uso da cultura popular brasileira como conteúdo de ensino da Educação Física escolar (1930-1960). *Rev. Bras. Hist. Educ.*, v. 22, 2022. GARAUDY, R. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LACCHINE JUNIOR, E.; ALMEIDA, E. de A. *Mulheres Docentes na Educação Física CEFD/UFES (1970-2021)*. 2010. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

Recebido: 31/12/2023

Aceito: 12/12/2024

Aprovado para publicação: 24/12/2024

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.